



## A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO ANTES DO PEDAGOGIA DO OPRIMIDO<sup>1</sup>

Carlos Rodrigues Brandão<sup>2</sup>

### Abrindo caminhos, por um exercício de “escrita livre”<sup>3</sup>

Nesta edição, a Revista Café com Paulo Freire homenageia Carlos Rodrigues Brandão, *Brandão*, pois assim chamamos este amigo-educador que desde o final dos anos de 1980 vem pesquisando/escrevendo/dedicando sua vida à Educação, especialmente ao campo da Educação Popular, onde teceu, e tece, vários diálogos com o pensamento freireano.

Foi pensando neste autor, que é para nós muito além de uma referência acadêmica, uma referência humana – de quem gosta de gentes – que resolvemos compartilhar com os nossos leitores e as nossas leitoras um desses diálogos, ampliando, assim, o nosso olhar sobre a obra *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, a partir do olhar sensível e da escrita de Carlos Rodrigues Brandão.

Destacamos, portanto, a generosidade de Brandão ao compartilhar conosco estes escritos. Ele que, nestes últimos meses, tem enfrentado com paciência e amorosidade, que lhe são peculiares, uma leucemia. Dele, temos recebido correios eletrônicos sobre este sofrido processo, sobre estar impedido de se deslocar fisicamente de um lado para o outro, como sempre fez, e ama fazer, durante estes mais de 80 anos de “vida peregrina, entre trilhas, mares e montanhas e encontros (foram infinitos ao longo de sete décadas) tudo indica que serei agora uma forçada “pessoa caseira”<sup>4</sup>.

Em seus correios eletrônicos, Brandão lança ao mundo os seus escritos, suas histórias e seus livros, o que demonstra absoluto desprendimento/humildade

---

<sup>1</sup> Este documento compõe uma sequência de escritos ao redor da Educação Popular. Foram elaborados em maioria entre os anos de 2020 e 2021, o “Ano dos 100 anos de Paulo Freire”. Não os pensei e nem os escrevi com preocupações acadêmicas. Eles são para serem lidos e dialogados, como “exercícios livres de escrita”. Estão livres de cuidados preocupações científico-acadêmicas. E são rascunhos de escritos “atirados nas nuvens” e solidária e gratuitamente disponíveis para quem os queira ler, ou dar a eles uma qualquer destinação. As mesmas palavras e ideias poderão estar presentes em vários escritos. Outros escritos meus entre a literatura, a antropologia e a educação, podem ser também livre e gratuitamente acessados em: [www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)

<sup>2</sup> Licenciado em Psicologia e psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965); mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (1974). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980); livre docente em Antropologia do Simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É “fellow” do St. Edmund's College da Universidade de Cambridge. Atualmente, é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação, com foco na educação popular. É Comendador do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Goiás, doutor *honoris causa* pela Universidad Nacional de Lujan (Argentina), professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas. Escreveu artigos e livros nas áreas de antropologia, educação e literatura. E-mail: carlosdecaldas@gmail.com

<sup>3</sup> Nota da editoria da revista em agradecimento a Carlos Rodrigues Brandão por conceder a publicação do texto.

<sup>4</sup> Este trecho foi retirado do e-mail enviado pelo Brandão, no dia 11/06/2022.



intelectual, raramente encontrado, mas coerentemente freiriano. Em uma destas oferendas, fisgamos este que agora publicamos: *A Pedagogia do oprimido antes do Pedagogia do oprimido*. Pedimos licença e, gentilmente, ele cedeu para nossa Revista do Café.

Por fim, queremos dizer a importância de Brandão para nós, o quanto o amamos e, mesmo nesta pausa, continua conosco. Este texto, portanto, vivifica a sua presença e sua importância. Reiteramos que mesmo com o seu tratamento de saúde, Brandão nos concedeu publicar. E assim publicamos os seus “exercícios livres de escrita”. Que eles nos instiguem a outros caminhos e outros exercícios de livre-pensar e livre-escrever.

A Brandão, o nosso obrigado!

Aos leitores e leitoras, uma boa leitura.

## RESUMO:

Pedagogia do oprimido, principal obra de Paulo Freire, completou 50 anos em 2018, se considerarmos como marco a primavera de 1968, no entanto, o livro tal como conhecemos tem uma história anterior e que será contada neste artigo. O manuscrito que resistiu às perseguições da ditadura de Pinochet foi redescoberto em 2001 e doado ao Brasil doze anos depois (2013), ano em que foi publicado integralmente os originais da obra do educador. Cabe destacar a importância de tomarmos conhecimento dos desenhos de Paulo Freire que explicam a “Teoria da Ação Opressora” e a “Teoria da Ação Revolucionária

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia do oprimido. Manuscrito. Histórias da Educação Popular.

## Um livro escrito à mão

Sobretudo após os esclarecimentos revelados pela equipe responsável pela edição de *Pedagogia do oprimido* (manuscrito), alguns dados e fatos até então desconhecidos ou muito pouco divulgados entre nós foram revelados.

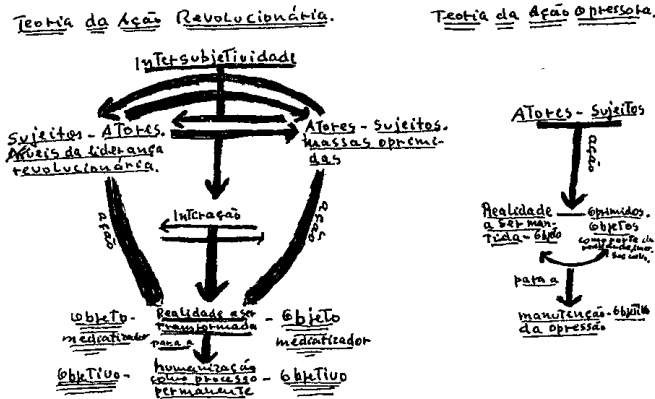
Por exemplo, a existência de dois desenhos-esquemas feitos à mão por Paulo, transcritos na página 322 e 323 em forma impressa, um deles delineando a “Teoria da Ação Opressora” e o outro a “Teoria da Ação Revolucionária”. Estes esquemas foram colocados em edições nacionais impressas, como as próprias edições brasileiras. Ambos os esquemas aparecem nas edições norte-americanas e alemãs<sup>5</sup>

Depois de haver constatado isto no manuscrito do *Pedagogia do oprimido*, lembro de ter comentado com pessoas amigas, encontrei pela internet (da qual sou precário praticante) um texto sem título a respeito do gráfico de Paulo Freire<sup>6</sup>. Tomei

<sup>5</sup> Ver: Prefácio à segunda edição dos manuscritos de *Pedagogia do oprimido*, 2018, p. 7.

<sup>6</sup> Ao final do artigo eis os dados a respeito de sua autoria e seu propósito: “Camila diz que pretende seguir se aprofundando no tema, comparando o manuscrito às edições impressas da obra publicadas

a imagem do gráfico de Paulo (ele está na página 157 da edição) e página 15 do manuscrito original.



Dentre as partes da obra desconhecidas pelo grande público está uma especialmente inédita aos leitores da edição brasileira, publicada pela primeira vez em 1975, e aos detentores de outras traduções baseadas nela: um gráfico em que o autor esboça sua Teoria da Ação Revolucionária e sua Teoria da Ação Opressora. Nele, a primeira teoria é representada de forma cíclica, em que os líderes revolucionários e as massas oprimidas são colocados na mesma posição e com setas entre si que apontam para a existência de diálogo entre as partes; e a segunda é esboçada de maneira verticalizada, com setas apontadas para baixo que conduzem à “manutenção da opressão”, indicando o problema da ausência de diálogo. Para Camila, o gráfico é central para o entendimento do texto. “Freire foi tão didático que desenhou sua teoria, a centralizou em um único desenho e depois foi apenas esmiuçando o conteúdo ao longo da obra”, avalia a pesquisadora. Conforme o estudo aponta, tudo leva a crer que o motivo de sua não publicação foi o de evitar maiores “problemas em torno da obra”. “O conteúdo do gráfico é tão explícito que alguns especialistas afirmam que o gráfico foi retirado da obra por propósito editorial, possivelmente para evitar os censores”, observa Camila. A pesquisa demonstra que, até a 15ª reimpressão da obra publicada no Brasil, havia apenas um espaço em branco no lugar onde, originalmente, deveria constar o gráfico e que, a partir da 17ª edição, esse espaço deixou de existir. Vale destacar que, diferentemente do que ocorreu com as edições baseadas na publicação brasileira, as edições observadas pelo trabalho, baseadas na primeira publicação do livro – a obra foi publicada pela primeira vez em inglês, em 1970 -, apresentavam o gráfico, que também foi observado em publicação de Portugal.

no Brasil. “Ainda é uma atual”, ressalta a pesquisadora sobre a obra que, em 2018, completará 50 anos. A dissertação de mestrado foi orientada pelo professor Marcelo Módolo e defendida em 2017 no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.



Paulo Freire viveu no Chile os cinco primeiros anos de seu exílio. Nos dois últimos ele trabalhou no *Instituto Chileno de Reforma Agrária*, sob coordenação de Jacques Chonchol. Sabemos que ao deixar o Chile ele passou pela Bolívia e que nos EUA trabalhou durante onze meses na *Universidade de Harvard*, antes de finalmente ir para Genebra e assumir o *Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas*. Sabemos que em 1968 o livro estava pronto em sua versão manuscrita. Impressiona a singela despedida da carta pessoal, com que Paulo encaminhava a Jacques Chonchol uma cópia do *Pedagogia do oprimido*.

Queria que vocês recebessem esse manuscrito de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens como uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo (Paulo, Santiago Primavera, 68 - *Pedagogia do oprimido* - manuscrito, 2018, p. 10).

Os editores do “manuscrito” revelam que ainda no Chile e depois de migrar para a Bolívia e, logo a seguir, para os Estados Unidos da América no Norte, Paulo Freire preocupava-se com o destino de seu livro.

Em 1968 Paulo Freire estava receoso de que seu livro fosse confiscado – corriam boatos de que forças da inteligência chilena estariam atrás da obra subversiva e perigosa (*Pedagogia do oprimido* – manuscrito/apresentação, 2018, p. 4).

O restante das peripécias ao redor do *Pedagogia do oprimido* é narrado ao longo da “apresentação” assinada por Jason Ferreira Maffra, José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti. De maneira curiosa é escrito no Prefácio da Segunda Edição dos Manuscritos de *Pedagogia do oprimido*, a observação acima é completada.

Em 1968, receoso de que a obra fosse confiscada- haviam surgido boatos de que as forças da inteligência chilena estariam atrás de um livro “subversivo e perigoso” – datilografou os manuscritos e tirou algumas cópias antes de entrega-los a Chonchol (Prefácio, 2018, p. 7).

Resulta estranho eu esta versão datilografada por Paulo Freire ainda no Chile nunca tenha sido apresentada de público. Apenas a edição original, manuscrita, por devolvida por Jacques Chonchol. Já em nos anos 2000 a uma equipe Brasileira que retornou ao Chile com o intuito deste resgate.



Na página 10 do mesmo Prefácio há um dado que merece não ser esquecido. Quando do golpe militar no Chile, Jacques Chonchol era um de seus principais ministros. No dia do golpe ele estava no exterior. Retornou ao Chile no mesmo dia do golpe militar e apenas teria escapado da prisão “graças à ajuda de amigos”. O que teria se passado com os manuscritos de “Pedagogia do oprimido” merece ser transcrito aqui.

Tendo a casa invadida e sua biblioteca confiscada, o manuscrito escapou porque certamente os esbirros da ditadura eu se implantava então naquele país andino não deram muita importância para uma pasta simples de cartolina que continha folha de papel almaço escritas a mão (Prefácio, 2018, p. 10).

### **Em uma revista, antes de ser um livro**

No tópico “As edições de Pedagogia do oprimido”, do *Prefácio*, são criteriosamente recordadas a edição norte-americana de 1970; a uruguaia, do mesmo ano de 1970; a italiana de 1971; a alemã de 1971; a francesa de 1974. E, finalmente, após todas elas a edição brasileira de 1975 (Prefácio, 2018, p. 10).

Chama a atenção o fato de que apesar do extremo cuidado com que a edição manuscrita de *Pedagogia do oprimido - o manuscrito*, foi preparada e antecedida de estudos pertinentes, um fato bastante importante tenha sido apagado da memória a dos escritos. Antes de ser editada como um livro em alguns países e em diversas línguas, o livro de Paulo Freire foi antecipadamente publicado em uma revista, no Uruguai.

Uma publicação de número especial – *Suplemento* – da revista *Cristianismo y Sociedad*, editada por *Iglesia y Sociedad en América Latina*, e anunciada como edição especial e fora de seriação, traz como subtítulo de capa: *Contribución al proceso de concientización en América Latina*. Na *nota explicativa*, assinada por uma Junta Latinoamericana de *Iglesia y Sociedad en América Latina*, está escrito o que transcrevo em fragmentos.

El material que presentamos en las páginas que siguen es de carácter provisorio y complementario. ...

Los lectores advertirán que se trata más que nada de Apuntes y que los autores de los respectivos trabajos, así como las entidades que autorizaron la publicación de los mismos, se reservan todos los derechos de su redacción y de su publicación definitiva. ...



Este documento es para uso interno – en términos absolutos – no pudiendo ser reproducido ni siquiera en parte, sin expresa autorización de los autores<sup>7</sup>.

Na parte de baixo da página anterior vem escrito em negrito: **EDICIÓN NO COMERCIAL – Material para uso interno.**

Eis a relação completa dos artigos constantes do *Suplemento de Cristianismo y Sociedad*.

Paulo Freire: La alfabetización de adultos – crítica de su visión ingenua – comprensión de su visión crítica (p. 7-16).

Paulo Freire: La concepción “bancaria” de la educación y de la deshumanización – la concepción problematizadora de la educación y la humanización (p. 17-25).

Paulo Freire: Investigación y metodología de la investigación del “tema generador” (p. 27-52).

Paulo Freire: A propósito del tema generador y del universo temático (p. 53-72).

Paulo Freire: Relación bibliográfica – consideraciones críticas en torno del acto de estudiar (p. 73-85).

José Luís Fiori: Dialéctica y libertad: dos dimensiones de la investigación temática (p. 87-93).

Ernani Maria Fiori: Aprender a decir su palabra – el método de alfabetización del profesor Paulo Freire (p. 95-103).

Tal a relação dos artigos de *Cristianismo y Sociedad – Suplemento*, da Primavera de 1968. Em uma cópia direta da internet, impressa e presenteada a mim por Inês Areco, de Lujan, na Argentina.

Não possuo maiores dados a respeito, e nem uma documentação complementar que ajude a esclarecer o que aconteceu em 1968, entre o Chile e o Uruguai, com respeito a *Pedagogia do oprimido*. Por tudo o que conheço e leio, imagino que os capítulos de Paulo Freire inseridos na revista serão, no todo ou em parte, versões provisórias ou definitivas do que veio a ser o seu livro.

---

7. Cristianismo y Sociedad – suplemento, ISAL, 1968, nota explicativa.



Lembro que anos mais tarde a mesma revista, *Cristianismo y Sociedad* repetiu a dose. Na edição de 1972, 1ª entrega, ano X, nros. 29 – 30, publicou entre as páginas 5 e 38, o artigo: *Concientización y Educación Popular*, assinado como um “Trabajo de Equipo”, e que pouco depois veio a ser um capítulo de *Educación Popular y processo de concientización*, assinado por Júlio Barreiro e editado em 1974 por Siglo XXI, em Buenos Aires.

### **Lido aos pedaços, às escondidas, mimeografado**

Terá um fato tão essencial a respeito dos primeiros tempos do *Pedagogia do oprimido* sido esquecido no passar do tempo? Ou terá permanecido na memória de apenas poucas pessoas ainda vivas e, como eu, vindas “dos primeiros anos sessenta”? Ele me foi recordado em uma mensagem de Osmar Fávero, quando leu uma primeira versão deste escrito.

Às claras, até 1º de abril de 1964, e às escondidas e cercados de “medidas de segurança”, líamos “escritos do Paulo Freire”. Quando Paulo Freire partiu com a família para o exílio, tempos depois, desde o Chile, nos chegavam mimeografados, cercados de cuidados, capítulos de *Pedagogia do oprimido*.

Já as ideias originais de Paulo e os princípios de seu “método de alfabetização de adultos” eram lidos entre nós. Lembro que em 1966 eu estava com Maria Alice, minha esposa, e no CREFAL, em Pátzcuaro, no México, com estudantes de um longo curso sobre alfabetização, educação de adultos, ação comunitária, mantido e patrocinado pela UNESCO. O professor de “alfabetização de adultos” sabia de nossos conhecimentos sobre “um novo método de alfabetização”, e ele nos pediu que fizéssemos uma apresentação durante a manhã de comemorações do dia 8 de setembro, dia internacional da alfabetização. Usando o quadro-negro fizemos uma longa e detalhada exposição do método, lançando mão de algum material que havíamos trazido do Brasil.

Maria Alice coordenava o Movimento de Educação de Base de Goiás (MEB-Goiás). Ao redor de 1964, depois que o “Conjunto Viver é Lutar” criado pela Equipe Nacional do MEB, de que eu então fazia parte, foi apreendida pela polícia na gráfica e levada para uma delegacia, dois meses antes do golpe militar, a equipe do MEB-Goiás partiu do original do Método Paulo Freire e elaborou uma versão própria para “alfabetização pelo rádio”. Tomando o nome simbólico do casal camponês cujos



nomes próprios seriam as duas primeiras “palavras geradoras”, a versão radiofônica veio a ser chamada de: “Benedito e Jovelina”. Em meu livro “*O que é o método Paulo Freire*”, descrevo brevemente esta versão.

Lembro-me do impacto que nossa apresentação do “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos” causou naquele dia. Tanto assim que os estudantes, vindos de todos os países da América Latina (e uma estudante de Portugal) solicitaram ao professor cópias de nossa “exposição”. Fui encarregado de escrever uma “memória”, e naquele mesmo ano ela foi publicada em uma singela edição mimeografada: “*El Método Paulo Freire para la Alfabetización de Adultos*”<sup>8</sup>. Anos mais tarde o CREFAL produziu uma versão impressa.

### **Um segundo livro dos anos 1960/70 e a sua também misteriosa história**

Talvez às pessoas de agora os acontecimentos dos anos 1960/70, atravessando as ditaduras sequentes ou contemporâneas, no Brasil, na Argentina, no Uruguai e no Chile, os perigos e peripécias vividos nestes quatro países, a começar pelo Brasil, pareçam algo estranhas.

No entanto, não esqueçamos de que quase todo o trabalho de criação dos Movimentos de Cultura Popular, dos Centros Populares de Cultura e de diferentes iniciativas populares e acadêmicas de vocação insurgente e emancipatória, foi pensado e criado entre 1960 (primeira equipe de Paulo Freire no Serviço de Extensão Comunitária da então Universidade do Recife), e março de 1964, entre um clima de iminente expectativa de transformações sociais radicais no Brasil e na América Latina. E, a partir de abril de 1964, sob o peso de uma ditadura que de imediato tomou o mundo da universidade, dos movimentos populares e das iniciativas populares, como focos e pólos de “subversão à ordem”. O exílio de Paulo Freire foi apenas uma entre outras incontáveis ações opressoras de então.

E é justamente a respeito de “tempos da ditadura” e os entreveros da então nascente “Educação Popular” que quero trazer aqui uma segunda memória que envolve também um livro com uma semelhante, mas em ponto menor, estranha história.

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.crefal.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=173&Itemid=225](https://www.crefal.org/index.php?option=com_content&view=article&id=173&Itemid=225)





Em fins de 1968, quando eu era professor recém-contratado da Universidade Federal de Goiás, por razões de ameaças políticas e policiais, precisei sair de Goiânia e por um ano me refugiar em minha cidade natal, o Rio de Janeiro. Através da iniciativa de pessoas amigas da Juventude Universitária Católica (JUC) e do Movimento de Educação de Base, ao então recém-criado Centro *Ecumênico de Documentação e Informação – CEDI*. Esta Instituição cristã de vocação ecumênica vinculada a um movimento igualmente ecumênico existente em boa parte da América Latina, o *ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina*.

O *CEDI* estava iniciando um programa clandestino de formação de educadores populares associados a diferentes igrejas de um modo ou de outro vinculadas ao que viria a ser a Teologia da Libertação. A ideia proposta foi a de pequenos encontros entre militantes da Educação Popular (nome ainda pouco referenciado na época) e coletivos com uma semelhante vocação, em diferentes países do continente.

Vinculei-me ao programa. Passei a receber de países entre a Argentina (antes do golpe militar) e Costa Rica, falsos convites para pequenos encontros e cursos de “psicologia pastoral” e semelhantes. Tenho até hoje uma pequena coleção deles. Entre 1969 e 1973 vivi algumas viagens cuidadosamente preparadas quanto aos seus aspectos de “segurança”, para encontros com pequenos grupos de pessoas desejosas de conhecer os fundamentos de nossas propostas de educação e, de maneira mais direta, o “Método Paulo Freire”.

Entre tantas, uma breve imagem me vem agora. Com a ajuda de uma mínima lousa de escola, eu desdobrava uma palavra como “ficha de descoberta” do Método Paulo Freire, diante de uma pequenina equipe de mulheres e homens mestiços e indígenas Aymaras, nos Andes do Equador. Foram várias as experiências. Foram sempre um risco assumido. Foram inesquecíveis.

A pedido de algumas pessoas com quem nos encontrávamos aqui e ali, comecei a escrever pequenos artigos sobre nossos temas de teoria e prática. Em alguns lugares eles eram mimeografados e repartidos. Lembro-me de um grupo de jovens peruanos que os mimeografava e distribuía. Quando muitos anos mais tarde, em 2016, algumas pessoas amigas da Argentina me pediram que fornecesse a eles alguns escritos meus a serem traduzidos e colocados em um livro e então sugeri um trabalho de memória. Criamos um livro “entre seis décadas”, vindo dos anos 1960 aos anos 2010. E o artigo que abre *La educación popular de ayer y de hoy*, é justamente



um dos pequenos trabalhos mimeografados no Perú: *Conscientización y educación popular*.

Foi então que surgiu no *CEDI* a ideia de reunir os meus escritos de ocasião e formar do conjunto um pequeno livro. Recebi como tarefa política escrever o livro e retomei os meus escritos mimeografados em papel jornal, um a um. Durante mais de um ano revi e reescrevi os artigos como capítulos de um livro. Eles eram rigorosamente avaliados por Beatriz Bebiano Costa (a mais severa avaliadora), Jether Pereira Ramalho e Elter Maciel. Pronto e revisto o livro, em uma reunião de *ISAL*, em Montevideu, com pessoal do Brasil, da Argentina e do Uruguai, foi decidido que o livro seria publicado pela *Editora Siglo XXI* de Buenos Aires, depois de traduzido. Em pleno “ano de fogo”, em 1970, chegou-se à conclusão de que um livro com aquele teor não deveria sair com o meu nome, pois eu poderia correr riscos no Brasil. Conversamos muito, até quando Júlio Barreiro, um teólogo-militante uruguaio, foi escolhido para nominar o livro.

*Educación Popular y proceso de concientización*, meu primeiro livro sobre a educação, foi publicado em 1974, em espanhol, fora do Brasil, e sem o meu nome. Depois do golpe militar na Argentina ele foi proibido por lá. As suas novas edições foram transferidas para a mesma editora, no México e, depois para a da Espanha. Em espanhol, quando procurei por ele há alguns anos atrás, ele estava na décima quinta edição. Em português foi publicado originalmente em Portugal. Mais de dez anos mais tarde, já em “tempos de abertura”, a *Editora Vozes* o acolheu. E então ele foi finalmente editado aqui no Brasil, mas eu apareci como tradutor de meu próprio livro. Anos mais tarde uma nova edição saiu pela Editora Sulina, de Porto Alegre, e pela primeira vez a história real do livro foi dada a conhecer.



Figura 1 – Café com Paulo Freire do Centro Histórico/RS, com Carlos Rodrigues Brandão



Legenda: No dia 12 de maio de 2019, um domingo de Dia das Mães, Brandão reuniu com mais de 50 educadoras/es para tratar do tema 'A Amorosidade Freiriana em tempos de desamor e de resistência'.

Fonte: Acervo do Café com Paulo Freire do Centro Histórico/RS.

## REFERÊNCIAS

BARREIRO, Júlio. **Educación popular y proceso de concientización**. 1974, Editora Siglo XXI – Argentina, Buenos Aires.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **El Método Paulo Freire para la Alfabetización de Adultos**. 1966, CREFAL, Pátzcuaro, Edición mimeografiada (en 1974 foi publicada uma edição impressa).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **La educación popular de ayer y de hoy**. 2017, Editorial Biblos, Buenos Aires.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido (o manuscrito)**. Jason F. Maffra. José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti (organizadores) 2018, Editora do Instituto Paulo Freire, UNINOVE, BT Acadêmica, São Paulo.

FREIRE, Paulo et all. Diversos artigos do livro futuro **Pedagogia do oprimido**. 1968, **Cristianismo y Sociedad** – suplemento, ISAL, Montevideo.

TRABAJO DE EQUIPE. **Conscientización y educación popular**. **Cristianismo y Sociedad**, 1972, 2ª entrega ano X, nros. 29-30. Montevideo.